

SESSÕES DO PLENÁRIO

42ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 9 de agosto de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADA MARIA DEL CARMEN LULA (1ª SECRETÁRIA)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho ao presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores, Vigilantes e Prestadores de Serviço, José Boaventura Santos, nos termos da Resolução nº 1.879/2018, proposta pela deputada Maria del Carmen Lula. (Palmas)

Convido para compor a Mesa: o Sr. Deputado Federal Nelson Pelegrino, ex-deputado desta Casa; nossa Sr.^a Vereadora da cidade do Salvador Marta Rodrigues; Sr. Vereador do município de Camaçari José Marcelino; Sr. Presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Cedro Costa e Silva; Sr.^a Gerente da Confederação Nacional dos Trabalhadores, Jaqueline Barbosa; Sr. Secretário de Finanças da Confederação Nacional dos Trabalhadores e Vigilantes, José Maria de Oliveira; Sr. Secretário do Sindvigilantes Antônio Cláudio (palmas).

Solicito ao Cerimonial para que conduza a este recinto o nosso homenageado, José Boaventura Santos. (Palmas)

(O homenageado é conduzido ao plenário.)

Convido todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Vou solicitar ao deputado Nelson Pelegrino, que é ex-deputado desta Casa, para que assuma a presidência dos trabalhos, para que eu possa fazer a saudação ao nosso homenageado.

O Sr. PRESIDENTE (Nelson Pelegrino): Tenho a honra de passar a palavra à autora do requerimento que concede a Comenda Dois de Julho ao Sr. José Boaventura Santos, a deputada proponente, deputada Maria del Carmen. Tem a palavra.

A Sr.^a MARIA DEL CARMEN LULA: Saudando o nosso deputado Nelson Pelegrino, que presidiu durante muitas vezes as sessões, como deputado estadual que foi por dois mandatos, aqui nesta Casa, e que eu tive o privilégio inclusive de conviver num desses mandatos, vendo a sua dedicação, o seu trabalho, que é demonstrado isso na continuidade dos mandatos como deputado federal. Então, saudando V. Ex.^a, deputado Nelson Pelegrino; saudando a nossa vereadora Marta Rodrigues, essa vereadora combativa, que não se intimida, que está sempre na luta, que não tem medo de *fake news*, que não tem medo de enfrentar os poderosos desta cidade, que o povo de

Salvador conhece muito bem, conhece os vigilantes, com certeza. Essa é amiga e companheira dos vigilantes.

Quero cumprimentar a Sr.^a Gerente da Confederação Nacional dos Trabalhadores Vigilantes, Jaqueline Barbosa. Bem-vinda aqui, Jaqueline, obrigada pela sua presença neste ato; o Sr. Presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), o nosso amigo Cedro Costa e Silva. Obrigada, Cedro, você sempre participando de todos os atos de valorização dos trabalhadores e das trabalhadoras, obrigada pela sua presença; o Sr. Secretário de Finanças da Confederação Nacional dos Trabalhadores Vigilantes, José Maria de Oliveira. Obrigada, José Maria, pela sua presença que muito nos honra; o nosso secretário do Sindvigilantes, Antônio Cláudio. Obrigada, Cláudio, pela sua presença. Cumprimentar cada um, cada uma de vocês que aqui estão e que vieram aqui prestigiar esse nosso comendador, porque dentro de poucos minutos ele.

(Lê) “Nesta sessão de outorga da Comenda Dois de Julho, é com muita satisfação que saudamos nosso homenageado...” – e eu não tinha me dirigido a ele, porque iria fazê-lo agora – “(...) o presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores Vigilantes e mais uma vez reeleito à presidência do Sindicato dos Vigilantes da Bahia, José Boaventura dos Santos.

A Comenda Dois de Julho é a mais alta condecoração do Legislativo baiano e homenageia aqueles que se dedicam à prestação de serviços relevantes ao povo de nossa terra e ao engrandecimento de nosso estado: o comprometimento e a qualidade da atuação do nosso homenageado em favor dos trabalhadores terceirizados, sobretudo dos trabalhadores vigilantes, como é de conhecimento público, são o que justificam esta condecoração, aprovada por unanimidade por esta Casa.

Nascido em outubro de 1960, na cidade de Itajuípe, região sul da Bahia, José Boaventura dos Santos ingressou muito novo na atividade de segurança, quando tinha apenas 21 anos.

Desde então, ao longo dos seus mais de 36 anos de carreira...”, – vamos verificar sua idade, viu, Boaventura? – “(...) atua ativamente em defesa dos direitos desta classe trabalhadora, tendo presidido o sindicato, incluindo o período da associação, por 13 vezes – permitam-me corrigir: 14 vezes, já que agora tem mais um mandato pela frente –, sinalizando a confiança e a credibilidade que os trabalhadores vigilantes depositam na pessoa do nosso homenageado – que é referência de luta no Brasil e no mundo, tendo representado a categoria e recebido o apoio de entidades internacionais, como a UNI Global Union, federação sindical global, que reúne sindicatos de todo o mundo, da qual é diretor, representando a América Latina.

Em sua incansável lida na vida sindical, Boaventura acompanhou e participou da aprovação da Lei nº 7.102/83, que regula a atividade de segurança em bancos e em outras instituições, bem como cria a profissão de vigilante.” Lei essa que, mais uma vez, se encontra no Senado nacional, para que seja revista e reavaliada, sempre com a participação do nosso companheiro homenageado que, ainda ontem, lá estava na defesa dos interesses dessa categoria.

Ele também apoiou a realização do concurso federal para agente de vigilância, que promoveu o ingresso da categoria no serviço público federal, em 1985. Nesse

mesmo ano, sob sua presidência, os vigilantes baianos realizaram uma de suas maiores e mais significativas greves trabalhistas: 14 dias de greve, que acarretou na conquista de direitos antes ignorados pelos empregadores. As greves se repetiram nos anos de 1987 e 1988 e foram destaques nos principais jornais da época.

Durante 30 anos, Boaventura integrou a comissão tripartite no âmbito do Ministério da Justiça e teve como tarefa acompanhar a aplicação da lei, o controle e a regulação das atividades de segurança privada.

Ele também participou ativamente das negociações que asseguram aos vigilantes a realização de cursos de reciclagem com status de formação, garantindo assim a permanência daqueles trabalhadores que já se encontravam em atividade e promovendo o aprimoramento das técnicas de segurança privada.

Estou aqui tentando resumir estes mais de 36 anos de carreira, mas as empreitadas do nosso homenageado, na luta em defesa dos trabalhadores vigilantes, são muitas.

Boaventura sempre esteve atento aos anseios da categoria, não se atendo apenas às questões legais da profissão, mas também lutando por melhores condições de segurança para os trabalhadores e trabalhadoras profissionais da vigilância – profissionais estes que, muitas vezes, colocam suas vidas em risco para assegurar a vida do seu próximo.

Por esse motivo, Boaventura participou ativamente da luta em prol da segurança dos trabalhadores e das trabalhadoras vigilantes, sendo negociador ao representar os trabalhadores no pleito pelos equipamentos de proteção individual (EPI) e colete balístico, além de ser exitoso na luta pelo acréscimo de periculosidade ao salário da categoria. Ele também lutou pela blindagem dos veículos de transporte de valores, que mobilizou a categoria por todo o país.

E não para por aí: nosso homenageado acompanhou e liderou, aqui na Bahia, as negociações que resultaram na aprovação da Lei Estadual 12.949/14, nossa querida lei conhecida como Lei Anticalote, (palmas) de autoria desta deputada que vos fala, uma grande vitória que instituiu o provisionamento dos recursos relativos às férias, abono de férias, 13º salário, multa do FGTS por dispensa sem justa causa, bem como a incidência dos encargos previdenciários, sociais e FGTS sobre férias, abono de férias e 13º salário, resguardando as trabalhadoras e trabalhadores terceirizados que prestam serviço para o governo do estado do ‘famoso’ calote das empresas privadas...”

Nessa luta, nós não estávamos só na luta por essa categoria, mas, sim, pelas categorias todas que estão como terceirizadas no estado.

(Lê) “(...) Mas, enquanto temos pessoas como José Boaventura, que luta pelos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras para garantir melhores condições de trabalho, portanto, melhores condições de vida para as pessoas, por outro lado – do lado da direita –, temos quem usurpe os direitos da classe trabalhadora, quem defenda e aprove medidas como a reforma da Previdência, que foi aprovada em segundo turno na Câmara, na última quarta-feira, e segue para o Senado, nos aproximando ainda mais de uma velhice de incertezas.

A reforma da Previdência, proposta pelo governo de Jair Bolsonaro, é um ataque aos trabalhadores brasileiros. Ela não combate privilégios e sacrifica os mais vulneráveis, alargando as desigualdades sociais.

A ironia é que o defensor ferrenho desta proposta, que, inclusive, liberou milhões em emendas para que a reforma fosse aprovada na Câmara, se aposentou aos 33 anos (com 15 anos de contribuição) e recebe uma pequena fortuna de R\$ 37 mil mensais em aposentadorias acumuladas, sem contar o salário de R\$ 30 mil por ocupar o cargo de presidente da República.

Vejam só: com a reforma da Previdência, trabalhadores urbanos que ganham acima de um salário mínimo vão ter que contribuir por 40 anos para conseguirem se aposentar com o salário teto do INSS, que atualmente está na faixa dos R\$ 5.839 (cinco mil oitocentos e trinta e nove reais). Bem discrepante, não?

As empresas privadas devem mais de R\$ 450 bilhões, o que corresponde a mais que o dobro do déficit atual da Previdência, mas quem paga a conta é (sempre) o trabalhador!

Deixa eu dizer: o Lula faz uma falta, não é? Hoje, mais do que nunca, tivemos a oportunidade de experimentar a graça de ter como presidente da República um operário, trabalhador como nós, líder sindicalista que tinha uma sensibilidade enorme para entender os anseios da classe trabalhadora. Ele, sim, sabia que tudo que nós conquistamos foi através de muita luta, por isso ele nos fortalecia. E pensar na ideia ‘Lula’, esta ideia que nos remete à luta, ainda continua nos fortalecendo.

Por isso, companheiros e companheiras, não vamos nos abater!

Vamos nos espelhar nesses símbolos de resistência e luta, e José Boaventura, agora comendador da Bahia – com certeza merecedor desta honraria –, assim como o nosso eterno presidente Lula, nos inspira a seguir em frente, nos inspira a cada vez mais lutar por nossos direitos.

Vamos à luta! Lula livre!”

(Não foi revisto pela oradora.)

(A deputada Maria del Carmen Lula assume a presidência da Mesa.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Neste momento, convido José Carlos Silva, Cláudia Lúcia e Dejene Santos para, em nome do Poder Legislativo, fazerem a entrega da Comenda Dois de Julho ao presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores, Vigilantes e Prestadores de Serviços, José Boaventura Santos.

Convido o deputado Nelson Pelegrino e a vereadora Marta Rodrigues para, junto conosco, fazerem essa entrega, colocarem a medalha da Comenda Dois de Julho no nosso agora comendador.

Dejene, por favor! Dejene, Cláudia e José Carlos já estão aqui?

(Procede-se à entrega da homenagem.) (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Tenho a satisfação de passar a palavra ao nosso homenageado, agora comendador José Boaventura Santos. (Palmas)

Boaventura, para a minha satisfação, está assinado pela primeira-secretária da Casa, deputada Maria del Carmen.

O Sr. JOSÉ BOAVENTURA SANTOS: Com certeza

Bom dia a todos e a todas.

A deputada Maria del Carmen nos adotou, e nos adotou de uma forma inteira, portanto eu não tenho palavras para agradecer essa adoção e essa referência especial no dia de hoje. Portanto, a cumprimento com esse carinho de adoção.

Meu companheiro deputado Pelegrino, a gente lembrava ali há pouco, segundo ele, de quando nos conhecemos, de quando nos encontramos pela primeira vez, no antigo prédio da Telebahia, lá nos anos 1979. Então é sempre meu parceiro, meu companheiro dessas lutas, a quem eu rendo aqui meus cumprimentos e minhas homenagens.

A companheira Marta Rodrigues, nossa vereadora, também dos idos lá do tempo do Sintel, na Rua da Independência. Ela como funcionária do Sintel, nos ajudando a organizar o Sindicato dos Vigilantes, também lá pelos idos, porque a gente não fala muito em tempo, senão denuncia a idade.

Meu companheiro, Marcelino, vereador de Camaçari, a quem me identifico também nessas trajetórias, que já me perdi no tempo, agradeço a sua presença, agradeço todo o seu carinho e companhia.

O companheiro Cedro Silva, este alagoano que a Bahia adotou. A gente fala de adoção, a Bahia adotou, e que preside a nossa Central Sindical de forma muito combativa, de forma muito eficaz; meus cumprimentos, companheiro. Jaqueline, que veio de Brasília, cuida lá da nossa confederação, zela pela nossa confederação, a Confederação dos Trabalhadores Vigilantes do Brasil, que nós ajudamos a organizar desde de 92 e estamos lá resistindo, resistindo, obrigado pela presença.

Queria, também, agradecer a presença do companheiro Zé Maria, já nos idos dos 70 e poucos anos, vigilante, dirigente da nossa confederação, diretor do Sindicato dos Vigilantes de Brasília, obrigado pela presença.

Ontem, nós saímos de um embate no Senado Federal, Zé Maria chegou às 7 h da manhã para ocupar lugar e resistiu até às 9h30 - foi quando permitiram a entrada dos trabalhadores no Senado Federal - e Zé Maria dizendo que era o primeiro da fila e disputando esse espaço do primeiro da fila lá no Senado Federal. (Palmas)

Quero cumprimentar meu companheiro Antônio Cláudio, que muitos dizem que temos muitas semelhanças físicas, mas eu, com certeza, o trato com muita semelhança de ideais, de propósitos, dentro do Sindicato, companheiro, secretário-geral do Sindicato.

Portanto, agradecer a esta Mesa, cumprimentar cada um e cada uma. Estou vendo muita gente, também, de longos caminhos aí na luta da nossa categoria, nessa luta de organização dos vigilantes, nessa luta de organização dos trabalhadores. Permita-me, sem prejuízo e pedindo perdão a muita gente aqui, a citar alguns que estou vendo: Hildemário, lá do início de 85, na greve, vigilantes com gráficos; o companheiro Gilmar Santiago; o companheiro Martiniano, que presidiu a nossa central sindical

(palmas); o deputado Bira Corôa, também das lidas do movimento sindical, por Camaçari.

Sei que vou pecar aqui, esquecer alguns, deixar de mencionar alguns, mas, por favor, perdoem-me, neste momento... Os advogados, Dr. Alan Martini, Dr. Aristides, Dr. João; os funcionários do sindicato, as funcionárias do sindicato que militam com a gente; muitos vigilantes aposentados aqui; muitos vigilantes da ativa, Edson Palmeira, Alexandre Paiva; muita gente boa aqui, companheiros da direção do sindicato, e aí estou vendo quase todos e todas da direção do sindicato, salvo aqueles que estão trabalhando.

Vocês não imaginam a alegria, a satisfação e a emoção, deputada, de estar aqui. Às vezes, numa oportunidade como esta, a gente imagina e tem uma agonia terrível de preparar um discurso, de dizer palavras bonitas, dizer palavras eloquentes, mas, junto com o companheiro Zé Maria, junto com Jaqueline, nós vivemos dois dias intensos em Brasília tentando, lutando contra a retirada da aposentadoria especial do vigilante. O governo Bolsonaro, na sua proposta de emenda constitucional, proíbe os vigilantes de contarem tempo especial para aposentadoria, e a nossa categoria só consegue trabalhar, de fato, só consegue entrar no mercado de trabalho até os 45 anos, depois de 45 anos não conseguem mais entrar no mercado de trabalho.

Então, você imagina que nós não vamos nos aposentar como vigilantes, e, acredito eu, que até na questão do BPC, nós vamos ter dificuldade de chegar no BPC, e se chegar no BPC com aqueles cortes que o Bolsonaro propôs no Congresso Nacional.

Nós estávamos, também, ontem, lá no Senado Federal, disputando com o patronato a aprovação de uma lei que atualiza a lei de 1983, que criou a nossa profissão, que regulamentou a nossa atividade, e já em 1983 a gente buscou ter uma participação ativa no Congresso Nacional, para que existisse uma lei que nos reconhecesse primeiro como profissão.

Mas, nesse momento em que nós estávamos no Congresso Nacional, em que nós estávamos lá com vários vigilantes, aconteceram coisas que todos os discursos foram por terra: um companheiro nosso, vigilante da cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, na sala da comissão de transparência do Senado Federal, foi abordado por empresários, empresários foram em peso, também, ontem, para essa audiência pública, e esse vigilante, Nelson, foi abordado por um empresário dizendo assim: “Não tinha cabimento um empresário estar em pé e um vigilante sentado naquela comissão”.

Aí, deputada, as ideias de discurso foram por terra, porque, ainda no dia 8 de agosto de 2019, em pleno século XXI, a gente ainda tem de ouvir coisas desse tipo, tem de ouvir coisa do tipo que num espaço onde existe o dono da casa-grande e o escravo da senzala, o lugar é o do dono da casa-grande.

Me remete, esse exemplo de ontem, a uma outra situação que eu vi há algum tempo nos Estados Unidos, na cidade de São Francisco, Marcelino, e me deixou curioso minha filha pedir explicação por que aquilo – por que os nossos irmão negros, americanos, ainda andam, ainda se dirigem nos ônibus para o fundo dos ônibus – e ela teve que me explicar que ainda era um resquício da segregação racial americana, onde nós só poderíamos usar as poltronas do fundo dos ônibus.

Então, deputada Maria del Carmen, no momento em que a gente se acha, e eu digo isso sempre, compartilho um pouco disso com o deputado Pelegrino, já com a idade, já com a vivência suficiente para que a gente possa deixar a luta e fazer outras coisas ou mesmo lutar em outras frentes, e o deputado me diz exatamente que não é o momento ainda, esses casos, essas situações me convencem ainda, Nelson, de que, de fato, nós não podemos abrir mão da luta, abrir mão da nossa convicção (palmas), abrir mão do nosso compromisso de resistir a essas coisas.

Há poucos dias, um companheiro nosso, dirigente do sindicato, um vigilante - ele não está aqui - Cláudio Brandão, foi agredido por mais de uma hora no metrô, na estação aeroporto, por causa de R\$3,70, também numa situação onde teve de ouvir expressões como negro, vagabundo, e coisas do tipo, em plena cidade do Salvador, em plena cidade negra.

Portanto, quero crer que a gente não pode, não deve, cada vez mais me convenço, Nelson, das conversas sobre esse tema, de que existe ainda uma responsabilidade muito grande de todos aqueles e aquelas que entendem que a cidadania, que entendem que a dignidade das pessoas ainda são objeto de ameaça.

Às vezes, nós somos tentados também, quando a gente recebe uma homenagem dessa, uma grande homenagem, a imaginar se de fato somos merecedores, de fato o que é que registram os anais desta Assembleia de quem aqui recebeu essa honraria. E eu não vou me aventurar a imaginar, mas creio que a deputada, o deputado Bira, o deputado Nelson, o companheiro Marcelino, mesmo um pouco distante, podem dizer que, talvez, sejamos o primeiro vigilante, sejamos um dos poucos trabalhadores que mereceram essa honraria, porque, no geral, essas honrarias sempre foi compartilhadas ou partilhadas por aqueles da elite, aqueles que sempre pisaram nos trabalhadores. (Palmas)

Consequentemente, não me vejo como merecedor pessoal, particular, dessa honraria. Pessoal e particular não seriam nada aqui, claro. Tudo o que nós construímos até hoje, foi uma construção coletiva dos vários e das várias parceiras que acreditaram que era possível uma categoria que não era ninguém, que não era nada, se organizar, se constituir enquanto profissionais, colocar-se enquanto papéis de fato que lhe reservam a história, lhe reservam a cidadania, que é proteger a vida das pessoas.

Estou vendo aqui vários companheiros lá da década de 80 que, junto comigo, começaram a trabalhar, Otávio, Reis, Evangelista que está ali, quando não éramos nada, éramos vigias somente. Nelson lá como advogado estagiário, estudante de Direito, ajudando a tirar gente das garras da polícia. E a gente, muitas vezes, duvidava se era possível a gente juntar tanta gente espalhada, porque vigilante não fica num lugar só, a cada esquina, a cada banco, a cada escola, a cada posto de serviço nós encontramos um vigilante. Mas nós acreditamos, nós buscamos fazer o nosso papel. Nós fizemos da nossa categoria um instrumento fundamental de valorização da vida, fizemos das nossas organizações sindicais e do nosso sindicato um sindicato que busca, acima de tudo se impor pelo respeito, pela dignidade, pela firmeza dos seus propósitos.

Ontem, Nelson, uma coisa que me deu satisfação foi ouvir de um dirigente de uma grande empresa, uma empresa multinacional, que estava convencido de que

naquele projeto de atualização da Lei nº 7.102 já não há mais dúvida de que o mercado deve ser aberto para todas as empresas, estrangeiras ou nacionais. Quando havia da parte deles e até da parte de alguns dirigentes sindicais... dizendo que não, que não devia abrir o mercado de segurança para empresas multinacionais, mas existem três multinacionais aqui. Então, quem fazia essa defesa fazia a defesa das três que já estavam aqui. E nós, na nossa convicção, quase que apanhamos quando defendíamos que nós deveríamos defender a abertura do mercado para todo mundo.

Portanto, quero crer que nada do que a gente fez até hoje, da ousadia dessa direção do sindicato, da ousadia com que nós contamos com os parceiros da CUT, os parceiros dos advogados, os parceiros do movimento sindical... vejo o companheiro Joselito ali. Os parceiros do movimento sindical nos permitiram fazer um movimento sindical, de fato, diferente.

Algumas vezes a gente brinca entre a gente que nós somos meio loucos. Em 2017, não é, Paulo Brito, a gente avaliou que devíamos, numa greve meio complicada, fazer roleção nos shoppings.

– Ah, mas vocês são doidos, ninguém faz isso, ninguém nunca fez isso.

– Nós vamos fazer.

E fizemos.

Outras vezes resolvemos, viu Marta, fazer a lavagem dos picaretas. Claudinha está aqui. E essa lavagem dos picaretas até hoje é um terror para muita gente que não quer ver exatamente o seu local lavado da forma como a gente resolveu lavar.

É isso que nos faz diferentes ou que nos faz rejuvenescer e, conseqüentemente, entender a importância do nosso papel.

Esse vigilante que resistiu ontem, o colega lá do Rio de Janeiro, deputada, que não levantou para dar lugar a patrão, nos contou isso assim com muita emoção lá na sede da confederação, quando nós voltamos do Senado Federal, ele nos inspira mais ainda, nos inspira a resistir, nos inspira a construir uma sociedade melhor, nos inspira...

E dizendo nesse momento que esse é um título de todos os nossos colegas. É um título de todos aqueles que não querem morrer, não querem passar por essa vida apenas como mais um, mais uma, mas querem fazer diferente, viu, Cláudio. Vai ser diferente, a gente vai viver melhor, resistir a todos eles.

Quero, também, aqui, homenagear minha família, que não pode estar aqui (palmas), por isso que eu chamei DeJane, minha afilhada, filha de Djalma, porque eu quero, com isso, que ela simbolize minhas filhas, minha mãe, os que estão longe, de fato.

Agradecer ao companheiro Zé Carlos por toda a consideração, toda a militância que ele teve e a consideração que ainda tem no seu trabalho, na sua integridade como vigilante, e também a Cláudia, que é essa esperança de renovação das nossas lutas, de continuidade, de fato, exatamente porque são símbolos de tudo isso que a gente precisa fazer, são parte de tudo aquilo que a gente precisa dividir, de tudo aquilo que a gente precisa andar junto nessa luta.

E sem dúvida, deputada, agradeço muito, mas esse agradecimento eu quero que seja de todos aqui, porque esse título, essa medalha é de cada um de vocês, daqueles que acreditam, dos vigilantes, dos parceiros (palmas), daqueles que acreditam que nós podemos construir um mundo melhor, que nós somos merecedores de um mundo melhor, que nós temos de ocupar os nossos assentos, os nossos lugares. E o nosso lugar no ônibus não é na parte de trás, é na parte da frente.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Concedo a palavra o deputado Nelson Pelegrino.

O Sr. NELSON PELEGRINO: Bom dia a todos e a todas.

Quero agradecer à deputada Maria del Carmen pela deferência, visto que nas sessões solenes de entrega da Medalha Dois de Julho originalmente só falam o proponente e o homenageado. Mas estamos aqui numa sessão e a quebra do protocolo é também usual nesta Casa, a oportunidade, assim, também se faz.

Então, a deputada me perguntou se eu gostaria de falar? Sempre que venho a esta tribuna me emociono porque por aqui passei 8 anos de resistência, na luta. Como deputado estadual, tive o privilégio e a honra... não de conhecer a deputada Maria del Carmen aqui, na Assembleia, já nos conhecíamos da luta anterior. A nossa história, as nossas vidas têm se cruzado ao longo desses anos todos, sempre na luta. Maria sempre do lado dos trabalhadores, do povo, sempre defendendo causas sociais.

E eu, no período em que estive nesta Casa, por 8 anos, com muita honra, com muito orgulho, eu fui o deputado dos vigilantes, sempre fui a voz dos vigilantes aqui. Como deputado estadual, sempre fui a voz dos vigilantes nesta Casa, como no Congresso Nacional sou também a voz dos vigilantes no Congresso Nacional. Como hoje, na Câmara Municipal – e aproveito para saudar a nossa querida vereadora –, Marta Rodrigues é a vereadora dos vigilantes (palmas), tem estado na luta dos vigilantes em todos os momentos, seja em proposições legislativas, seja sempre pugnando pelos interesses da categoria.

Como a nossa querida, e aproveitar para homenageá-la, saudá-la, parabenizá-la pela justa proposição e homenagem ao nosso comendador José Boaventura Santos, que eu conheço há 40 anos, como foi dito. Maria del Carmen – assim como eu fui, como é a vereadora Marta Rodrigues – é a deputada dos vigilantes. Com muito orgulho os vigilantes reconhecem isso. (Palmas)

Sempre na defesa dos vigilantes nesta Casa, é a autora de um projeto da maior importância, que é a Lei Anticalote. Originalmente, tenho um projeto dessa natureza no Congresso Nacional, e a deputada Maria del Carmen fez essa proposição aqui, como fez o nosso companheiro Chico Vigilante, em Brasília. Mas, sem dúvida nenhuma, o projeto da deputada Maria del Carmen foi além, inovou.

Se existem hoje muitos vigilantes, muitos trabalhadores de limpeza, muitos trabalhadores terceirizados que, ao final de muitos contratos, conseguem receber as

suas parcelas rescisórias, suas férias, seu décimo terceiro, é graças a esta lei. Ela é fruto de uma experiência nossa aprendida na luta dos vigilantes, dos trabalhadores de limpeza, da construção civil. A deputada Maria del Carmen foi o veículo nesta Casa.

Boaventura sabe muito bem – vejo aqui vários companheiros da direção do sindicato, não vou nominá-los – disso. Ele falou da “lavagem dos vigaristas”, já que era muito comum nessa categoria o empresariado incorporar como taxa de sua lucratividade o não recolhimento do INSS e do FGTS dos trabalhadores, e colocarem suas empresas no nome de um laranja. E assim, ao final do contrato, a empresa quebrava e os vigilantes ficavam no prejuízo.

Então, essa lei também bebe nessa experiência de luta de anos e anos vendo essa situação. Hoje, temos a grata satisfação de, pelo menos, ter uma lei que garante que, nessas hipóteses, os vigilantes não deixarão de receber as suas parcelas. Então, parabéns, deputada Maria del Carmen, por essa iniciativa justa.

Saúdo o nosso deputado Marcelino, que é também trabalhador da construção civil; José Maria, nosso companheiro de todas as horas, da nossa Confederação dos Vigilantes; Cláudio, que aqui representa o Sindicato dos Vigilantes; companheiro Cedro Silva, nosso presidente da Central Única dos Trabalhadores; Jaqueline, que está lá na retaguarda da nossa confederação; Martiniano; deputado Bira Corôa; vereador Gilmar; Aristides e Lamartine, que batalham no dia a dia do sindicato.

Comentei, deputada Maria del Carmen, que quando a gente ouvia falar de comendador, a primeira ideia que vinha à cabeça era daquele fidalgo português, o comendadore. Sem nenhum demérito, esta Casa já homenageou muita gente de forma justa. E agora estamos vivendo um novo momento, que é o momento dos extremos, a “era dos extremos”, como diria Eric Hobsbawm. E nessa era nós temos comendadores negros, como José Boaventura Santos. (Palmas) Isso é muito importante!

Como disse a deputada Maria del Carmen na sua saudação ao agraciado com a comenda, é uma história de luta. Não esqueço nunca de um dia de 1979, quando eu, um jovem estudante secundário, fui levado por Franklin de Oliveira, um companheiro do Sindicato dos Músicos – muitos aqui conhecem Franklin –, à sede da Associação dos Vigilantes Profissionais. Era ainda no regime militar, e os vigilantes não tinham direito de sindicalização. Boaventura tinha acabado de assumir a presidência da associação. Foi naquele momento que fui apresentado a ele.

Logo depois, no ano seguinte, ingressei na Faculdade de Direito. Em 1985, ainda como estudante de Direito, estreei em uma greve dos vigilantes, no Comércio, onde nós fomos fechar os bancos – naquela época os bancos ficavam no Comércio – e houve algumas prisões de companheiros. Foi a minha estreia lá na Polícia Federal para soltar os companheiros que participavam dessa greve dos vigilantes.

De lá para cá, o companheiro Boaventura, que tem 40 anos ou mais de luta sempre coerente, foi presidente do sindicato aqui na Bahia e da confederação, obtendo inúmeros êxitos. Muitas das conquistas que o setor de segurança privada tem decorreram da atuação competente desse companheiro em defesa de prerrogativas.

Sou de um tempo – Boaventura e Zé Maria também – que para ser vigilante bastava botar uma arma na cintura. Foi a luta de Boaventura, do sindicato e da

confederação que fez com que a gente tivesse o curso de vigilância, que significou um marco na profissão. Hoje, para ser vigilante, você tem que fazer curso, tem de fazer reciclagem, e assim se vai estabelecendo um padrão de profissionalização. Tivemos também a identificação dos vigilantes e a lei que regulamentou a atividade das empresas, mas também regulamenta a atividade dos profissionais. E agora temos a nossa luta, a luta de Boaventura, para que possamos em breve regulamentar a profissão.

Também empreendeu a luta para que, através de leis como a Anticalote, que o FGTS e o INSS pudessem ser recolhidos na fonte, o que não acontecia antigamente; hoje se recolhe, o que é uma garantia para a aposentadoria. A aposentadoria especial e o adicional de risco de vida foram outras lutas de Boaventura, sempre presente na defesa da categoria.

Como deputado estadual, como deputado federal e, principalmente, como advogado, tive três categorias como escolas de vida: vigilantes, com os quais aprendi muito; petroleiros, outra grande escola; e os companheiros da construção civil, montagem e manutenção. Essas foram as três grandes escolas na minha vida como advogado de sindicato, como deputado estadual e como deputado federal.

Temos nesta sessão, coincidentemente, essas três categorias: o companheiro Cedro, que é petroleiro; Marcelino, que é da construção civil; e todos os nossos companheiros e companheiras... sempre faço questão, em todas as assembleias que vou, de saudar primeiro as companheiras, já que temos companheiras na categoria de vigilantes, na construção civil e no petróleo. Temos de saudá-las sempre. (Palmas)

Pois bem, aprendi muito com essas três categorias e aprendi muito com esse companheiro que está aqui. Aprendi muito com Boaventura, em toda a minha vida. Sempre me chamava atenção, me fascinava a forma como Boaventura conduzia as assembleias de milhares de vigilantes. Fazíamos – na rua, no Sindicato dos Eletricitários – assembleias com milhares de vigilantes, e Boaventura sempre teve uma grande capacidade de se comunicar e de conduzir. Às vezes, eu ficava em dúvida com o que ia acontecer, e ele dizia: “Calma, tenha calma, que a gente sabe o que está fazendo”.

Enfim, eu aprendi com Boaventura a conhecer assembleias de trabalhadores – como dialogar, como conduzir, como liderar. Esse grande companheiro tem uma história de vida e de luta que, sem dúvida nenhuma, justifica a concessão dessa honraria por parte da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia. Não é uma honraria gratuita, é uma honraria que reconhece toda uma trajetória de vida e dedicação.

Boaventura, aqui, na sua fala, para ir concluindo, fez uma referência... porque eu tenho dito muito para ele que nós acabamos de enfrentar uma eleição no sindicato dura, quando os patrões organizaram uma chapa para tentar capturar o nosso sindicato. No passado, o nosso sindicato também foi capturado por pelegos, quando a gente para entrar em uma assembleia, tinha gente na porta, e com autoridade... Aliás, poucos que entravam na assembleia não eram barrados, era Boaventura com autoridade de dirigente e eu com a minha autoridade, mas enfrentamos uma batalha dura. Eu tenho certeza que a vitória que tivemos, apesar de toda a máquina que foi montada para nos derrotar, é o reconhecimento do trabalho de companheiros e companheiras que, ao

longo dos anos todos, têm conduzido nosso sindicato, mas também o reconhecimento desse grande companheiro Boaventura.

Eu tenho dito para ele: “Boaventura, nós estamos aí”. Estou no meu oitavo mandato parlamentar, são dois mandatos de deputado estadual, meu sexto mandato de deputado federal, eu digo para ele assim: “Boaventura, enquanto não encontrarmos um sucessor para mim e para você, nós não podemos passar esse bastão a frente”.

Então, você vai ter que continuar na sua missão, eu vou continuar na minha, principalmente, neste momento tão difícil, depois de ver uma experiência tão exitosa na história deste país, que foram os 8 anos do governo Lula, a era Lula, porque incorpora não só os 8 anos do seu governo, mas também os 4 primeiros anos do governo da presidente Dilma Rousseff, quando nós tiramos 40 milhões de pessoas da miséria, da pobreza, quando nós tivemos a capacidade de fazer um país soberano, respeitado, um país que soube respeitar as desigualdades e fazer com que elas fossem reduzidas, mas um país tolerante. Todas as conquistas que obtivemos na era Lula, achávamos que essas conquistas teriam deixado raízes, vivemos hoje um paradoxo de ter na Presidência da República um presidente fascista, ultraconservador, ultraliberal, ultradireitista, que esta semana recebeu a mulher de um torturador e disse que esse torturador é um herói nacional.

Eu fico imaginando, é como se o partido neonazista chegasse ao poder na Alemanha, e o primeiro-ministro homenageasse Eichmann ou Josef Mengele como heróis nacionais.

É uma coisa inaceitável, é inadmissível, a tortura é um crime inafiançável, imprescritível, é um crime odioso e jamais um presidente da República poderia, como fez como deputado e agora como presidente da República, dizer que um indivíduo dessa torpeza possa ser um herói nacional.

Se só fosse isso já seria muito, mas são muitas e muitas coisas, o tempo aqui não dá para falar das impropriedades que saem da boca desse presidente que, ao longo desses quase 7 meses ou mais de governo, não fez uma proposta, não apresentou uma proposta à nação para enfrentar os graves problemas que o Brasil vive. Nós temos, hoje, 13 milhões de desempregados no Brasil e esse governo não apresentou uma proposta para geração de emprego.

Ontem, inclusive, reunimos a Bancada do PT, se não fosse esse episódio triste que protagonizamos nesta semana, com resposta de mobilização da sociedade brasileira, a tentativa de transferir o presidente Lula para um presídio no interior de São Paulo, que gerou uma grande reação de diversos setores da sociedade, nós iríamos, o PT iria apresentar ao país um projeto emergencial de geração de 7 milhões de empregos no país.

O Brasil precisa de emprego, emprego de qualidade, não os empregos precários que foram trazidos pela Lei 13.467, a famigerada Reforma Trabalhista, que precarizou, que tirou direitos dos trabalhadores, que quer destruir os sindicatos.

E, agora, essa reforma da Previdência, que quer condenar os trabalhadores brasileiros a ou não conseguirem se aposentar ou se aposentarem com salários confiscados.

Dizia aqui o companheiro Boaventura que essa reforma acaba praticamente com as aposentadorias especiais, porque acaba com o tempo de contribuição. Agora só poderá se aposentar por tempo de serviço, tendo tempo mínimo de contribuição. Aqueles trabalhadores que não contribuírem por 20 anos nem sequer podem sonhar com a sua aposentadoria e para ter aposentadoria integral têm que contribuir 40 anos, fora o cálculo que, hoje, é 100% de todas as contribuições, o que vai gerar o confisco de 10% a 20%.

Então, companheiros que vivem uma situação, como foi dito por Boaventura, são companheiros da área de vigilância que com 45 anos não conseguem mais se colocar no mercado de trabalho, dificilmente são colocados no mercado de trabalho, estão condenados a, talvez se conseguirem contribuir durante 20 anos, Zé Maria, esperar até os 65 anos de idade para se aposentar.

Essa reforma é criminosa, essa reforma inclusive é criminosa com a Previdência pública brasileira. Tem muito trabalhador que vai acabar desistindo de contribuir para a Previdência e esperar os 65 anos de idade para se aposentar pelo BPC, para ganhar um salário mínimo.

Então, este governo, todos os dias, atenta contra os trabalhadores. Estão dizendo agora que vão fazer uma reforma sindical para tentar destruir os sindicatos brasileiros. Tem um projeto de lei que é para aprofundar mais ainda a precarização da reforma trabalhista, o que ele apresenta como segurança, uma categoria que vive... e aí como disse a deputada Maria del Carmen não toquem em contribuições para a luta da sua categoria, nem para a segurança pública no Brasil, com soluções importantes, inteligentes, na área da segurança privada.

A única proposta que este governo apresentou em relação à segurança pública, que é hoje um grave problema no nosso Brasil, é uma excludente de licitude, ou seja, uma autorização para matar negros e pobres, essa que é a grande verdade, e o aumento do encarceramento no nosso país, que não vai resolver o problema.

Nós queremos uma proposta real de segurança pública, nós estamos apresentando essa proposta inclusive também no Congresso Nacional. Acabou com o Minha Casa Minha Vida, acabou com o Mais Médicos, tem acabado com a educação brasileira.

Portanto, são tempos extremos, tempos extremos que, infelizmente Boaventura, pessoas como você, com 40 anos de história de vida, não podem abandonar. Eu sei que você não está abandonando a luta.

Mais do que nunca, precisamos de Boaventuras na nossa luta, mais do que nunca, precisamos do comendador Boaventura nesse grande exército de resistência a esse projeto de destruição, para que a gente possa efetivamente, novamente, ver este Brasil voltar a ser feliz de novo.

Lula livre! Vamos à luta! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Quero agradecer as palavras do deputado Nelson Pelegrino. Acho que, de fato, todas as homenagens que a gente puder fazer a Boaventura, todas elas são estendidas a toda a categoria. No momento em que nós estamos homenageando Boaventura, estamos homenageando todas as companheiras e companheiros dessa categoria tão valorosa.

Convido todos os presentes para ouvirmos a execução do Hino da Bahia.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

Antes de encerrar esta sessão especial, quero registrar e agradecer as presenças do ex-deputado Bira Corôa, que aqui está; de Martiniano, vice-presidente do nosso partido; do ex-vereador Gilmar Santiago, que estava ali também. Agradecer o apoio de Djalma e Jaqueirão, que organizaram, trabalharam no sentido de convidar todos os senhores e senhoras; agradecer à nossa equipe do gabinete pela realização de todas essas atividades no dia de hoje. E, em nome da ALBA, agradeço a presença das autoridades civis, amigos e familiares do homenageado, das Sr.^{as} e Srs. Deputados, da imprensa, e declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.